

vocando vivências de força extraordinária. Seria interessante pensarmos que ao invés da brincadeira ser treinamento para a vida adulta, talvez nós adultos é que continuemos brincando cada vez que exercemos este “impulso criativo”, cada vez que exercemos este “desejo de fazer”. E na concepção que compartilhamos, a terapia ocupacional trata exatamente disto: de re/estabelecer uma potência produtiva, possibilitar uma produção significativa.

Talvez possamos pensar os grupos desta maneira e não mais oscilarmos na eterna dúvida entre olhar o grupo ou olhar os indivíduos. Tentaremos olhar um grupo que vai sendo construído, produzido a cada instante. Grupo que vai sendo tecido e se tecendo. Pessoas constituindo um grupo e grupo que vai sendo constituído internamente, forjando uma representação de grupalidade.

E neste processo de tecedura do grupo, nesta trama, qual seria o lugar do terapeuta? Às vezes tecelão que tenta dar alguns nós, introduzir outras cores, às vezes um pedaço de fio. O setting sendo o próprio tear, aquilo que suporta, que estrutura a trama, dá as margens. Mas o sentido do terapêutico (o que se deseja) é que se forje a possibilidade destes fios serem desejantes por si mesmos, como numa trama encantada que se faça a si mesma, com combinações inusitadas. Neste sentido, o grupo não é preparação de nada, não é laboratório no sentido do faz de conta, é nele mesmo ato, real, social, produtivo, atual. Nem simples repetição de um passado, nem role-playing que só tem sentido se referido a uma ação futura.

Podemos pensar nos grupos e nas atividades como tendo uma “potência de provocação”, ou ainda nos grupos como sendo “amplificadores do potencial provocativo” das atividades. “Provocação” que não é interna nem externa, é intercessão, conexão que produz acontecimento. Pode existir um maior ou menor coeficiente de “provocação”? Provavelmente sim, e determinado em função do tipo de atividade, do tama-

nho do grupo, de possíveis manejos, etc. e principalmente do que se produz no encontro destes elementos. Uma das funções do terapeuta sendo exatamente a facilitação e compreensão do acontecimento que surge da “provocação”.

Talvez seja útil explicar em que sentido estamos usando esta palavra. Pensamos em “provocação” como aquilo que afeta, que conecta ambiente e órgãos do sentido, que é o resultado de algo que se liga e que já não é nem só ambiental nem só individual. A criatividade pode surgir neste encontro com um material. O impulso produtivo necessita uma materialidade - considerando a voz e os sons como materialidade - para acontecer, senão é pura alucinação.

Usamos o termo provocação produtora, no sentido de um aumento de estímulos que pede uma ação e que pode conectar idéias. Falamos também de potência de provocação, transformar-se através do fazer junto, fazer parte de um grupo e construir uma representação interna de grupo. Mas o grupo só funciona quando realmente existe, isto é, quando podemos aplicar a um conjunto de pessoas a definição de grupo que vai ser usada aqui. Um conjunto de pessoas não é necessariamente um grupo, nem quando compartilham o mesmo espaço - pessoas no mesmo elevador - nem quando têm os mesmos objetivos - pessoas em uma fila. Só podemos falar de grupo quando há representação interna de grupo.

#### **4. Construção de representação interna de grupo**

A construção de uma representação interna de grupo implica na possibilidade de reconhecer uma gestalt, reconhecer uma unidade imaginária, onde na realidade existem partes. Implica em perceber aquele conjunto de pessoas como um recorte, em discriminar um dentro e um fora (do grupo), e ainda em perceber-se como um, mas também como parte desta unidade maior.

Na prática clínica observamos que,

para alguns pacientes, este é um processo difícil, talvez porque incida exatamente no que está comprometido para eles. Sentimos que para os pacientes psicóticos e outros pacientes graves com os quais temos trabalhado nestes dez anos é como se não houvesse um espaço interno onde esta nova representação (deste novo grupo) pudesse se ligar.

Isto porque, esta construção só pode ocorrer se houver uma matriz simbólica onde poderão se articular interioridade e exterioridade, imaginário e realidade, unidade e atomização, gestalt da imagem unificada do corpo e corpo desmembrado.

Diz WINNICOTT que aquilo que deve permitir a passagem do auto-erotismo ao narcisismo primário é a constituição e o desenvolvimento da relação imaginária que culminará no encontro do EU com o Ego especular, Ego ideal sobre o qual o sujeito se apoiará para desinvestir progressivamente seus objetos parciais em benefício de uma imagem unificada de si mesmo (1975).

ANZIEU (1993) diz que o grupo é um lugar de fomentação de imagens, sendo que, entre grupo e realidade há primeiramente uma relação imaginária. Se a relação imaginária com o Outro está impedida ou dificultada na psicose, como pode haver uma relação imaginária com um grupo?

Então nos parece que o grande desafio e o primeiro objetivo da abordagem em grupo com estes pacientes é exatamente a constituição real de um grupo, isto é, a criação da possibilidade de construção de um espaço e vias de acesso à representação de grupo. A idéia é que esta abordagem possa forjar um espaço interno onde possam caber representações de grupo, de “eu e outros”, de “eu parte de um todo do qual faço parte mas que não é idêntico a mim”, de um todo que depende da existência e participação de cada um e ao mesmo tempo tem uma existência independente. Tendo uma existência virtual, o gru-

po não tem nenhuma materialidade, só existe enquanto representação interna. Grupo que pode ir mudando tanto que pode ser outro no concreto mas continua mantendo uma mesma identidade. Grupo virtual e real (como o próprio ego?), que só é enquanto representação?

Acreditamos que fazer algo junto pode ir facilitar e criar este espaço, intermediando e como que costurando relações. Talvez pela concretude de alguns produtos, mas muito mais pelo ambiente que se cria, que deve permitir a experimentação, trazer desafios, provocar.

Outros fator fundamental na constituição de um grupo é o desejo do terapeuta que pode ver e nomear um conjunto ainda sem forma como grupo. A constância do setting, juntamente com a continência do terapeuta constituem-se em holding necessário para que os integrantes possam ir experimentando uma cena que se repete ritmadamente, um espaço no qual se pode confiar.

O terapeuta também auxilia este processo quando vai percebendo e apontando para os participantes as conexões que vão surgindo entre as diversas atividades e temas produzidos.

A este respeito lembramos de uma das sessões do grupo de laboratório de estudos da atividade, realizado no CETO (Centro de Estudos de Terapia Ocupacional), na qual Jô BENETTON perguntou se achávamos que era possível pensar em trilhas associativas nos grupos. Naquele momento não soube-mos responder, mas dissemos que provavelmente não. Poderíamos apontar as associações de cada paciente individualmente (o que seria trabalhar com os pacientes no grupo e não trabalhar em grupo - e, com certeza, não era a isso que ela se referia). Hoje responderíamos diferentemente. Acreditamos que as atividades produzidas nos grupos podem ser encadeadas em três eixos: a) vertical: associações entre as diversas atividades individuais; b) hori-

zontal: associações entre as diversas atividades em uma determinada sessão; e c) histórico, que permite a ligação entre diversas sessões de um mesmo grupo, compondo uma história.

Sendo assim, uma outra tarefa do "terapeuta coordenador de grupo" seria desvelar e propor novas associações no sentido de criar trilhas associativas (individuais e grupais ao mesmo tempo), trilhas que revelam, montam e remontam os mais diversos níveis de sentido, que vão sendo produzidos no acontecer grupal.

Depois do grupo constituído, ou melhor, neste percurso de constituição, pretendemos criar um ambiente propício à criatividade e à possibilidade de associação livre. É o que chamamos aqui, usando WINNICOTT (1982), de criar um Espaço Potencial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVOS da Coordenadoria de Saúde Mental do Estado de São Paulo. Proposta de trabalho para equipes multiprofissionais em unidades básicas e em ambulatórios de Saúde Mental, São Paulo, 1983.

BENETTON, J. Trilhas associativas. Ampliando recursos na clínica das psicoses., Lemos Editorial, São Paulo, S.P 1991.

DUNCOMBE, L.W.; HOWE, M.C. Group work in occupational therapy: a survey of practice. *American Journal of Occupational Therapy*. 39(3), 163-170, 1985.

FRYDLEWSKY, L.; PAVLOVSKY, E. Sobre dos formas de comprender del coordinador grupal. In: Plataforma Internacional. Lo grupal I. Buenos Aires, 1982, cap. 7, p.75-85.

HEINE, D.B. Daily living group. Focus on transition from hospital to

community. *American Journal of Occupational Therapy*. 29(10), 628-630, 1975.

MELLO FILHO, J. O ser e o viver. Uma visão da obra de Winnicott. Artes Médicas Sul Ltda. Porto Alegre, RS, 1989.

MOSEY A.C. *Activities therapy*. Raven Press, Publishers. New York, N.Y., 1973.

O'DONNELL, P. La teoria de la transferencia en psicoterapia grupal. Nueva Vision, Buenos Aires, 1977.

PICHONRIVIÉRÈ, H. Temas de psicología social Vol. no.1, Buenos Aires, 1977.

Proposta de trabalho em Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde da cidade de São Paulo. 1989.

SAIDON, O. et alli, *Práticas Grupais*, Rio de Janeiro, Editora Campos, 1983

—————, O grupo operativo de Pichon-Riviere Guia terminológico para construção de uma teoria crítica dos grupos operativos. In: BAREMBLITT, G. *Grupos: teoria e tecnica.*, Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda, 1986. p.169-181.

VERSLUYS, H. P. The remediation of role disorders through focused group work. *American Journal of Occupational Therapy*. 34(9), 609-614, 1980.

WINNICOTT, D.W. *Through paediatrics to psycho-analysis*. Basic Books, Inc., Publishers, N.Y, 1975

WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação*. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, RS, 1982..

<sup>1</sup>Obviamente a expressão verbal é permitida e estimulada, mas a característica principal é o uso de atividades.

